

Sessão Solene Comemorativa do Cinquentenário da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

No dia 7 de Janeiro de 1969, no salão nobre da Faculdade de Ciências do Porto, às 21 horas, sob a Presidência do Magnífico Reitor da Universidade do Porto, realizou-se a sessão solene em que foi prestada homenagem aos três Presidentes da Sociedade, Profs. Luís Viegas, Hernâni Monteiro e Mendes Correia.

Foram oradores os Profs. Luís de Pina, Santos Júnior e Abel Tavares.

Pronunciaram os discursos que a seguir se publicam.

O Professor Luís Viegas, 1.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Não há dúvida que o Homem, neste infinito Universo, é bem a medida da todas as coisas ou, como dissera S. Paulo, «por um pequeno momento inferior aos Anjos». Daí o interesse cuidado, curiosidade, necessidade de conhecê-lo bem, pela Teologia e pela Ciência, em tantos dos seus ramos, da Arqueologia à Filosofia.

Pondo-se de banda o que a tal respeito se sabia entre os Gregos antigos e pelas eras fora até ao setecentismo, como no-lo aponta breve, mas ponderosamente, o sábio mestre de Cambrígia,

Alfred Haddon (1), atentemos no século XVIII em que Sperling ou Havorth e Tyson nos deram, entre mais, promissores estudos acerca do *Homo sapiens*, que Buffon, Lineu e Blumenbach ilustraram com saber ainda do nosso espanto, com este último investigador a perscrutar proficientemente o crânio e a face de exemplares da nossa espécie, como o garantem o seu *Decas collectionis suae craniorum diversarum gentium illustrata*.

Depois, ou pela mesma quadra do tempo, Barclay, Walter ou Serres, como Daubenton, Retzius ou Grattan, Meigs, Quatrefages, Broca ou Topinard, com Galton, Virchow, Hamy, White, Semmering, Purkinje e tantos outros, dedicaram a vários aspectos do corpo humano ou diferenças raciais importantes especulações.

Entre nós, as primícias datam do médio século de oitocentos, de que se evidenciam nomes como Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado. Em 1885, como se sabe e só então, aparece entre as cátedras conimbricenses a de Antropologia.

Aqui, no Porto, a Sociedade Carlos Ribeiro, dois anos depois, criada e estimulada por estudantes, começaria os seus estudos nesse capítulo, em que se realçam os de Fonseca Cardoso, portuense que, como o lisboeta Ferraz de Macedo, serão afanosos bandeirantes, tal o haviam sido em 1880 os promotores e animadores do 9.º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia realizado em Lisboa.

Brevíssimas aí ficam as circunstâncias que muito mais tarde haveriam de inspirar alguns pesquisadores e estudiosos portuenses a começar especulações do género dessas que acabamos de expor.

Era o ano de 1918, corridos quase século e meio depois dos estudos de Blumembach, que intitulou «De Generis Humani Varietate Nativa».

*

Serena e impressiva neste enquadramento paisagístico e histórico da Cordoaria, esta velha casa da Academia conta uma intranquila passagem da sua vida, em que se tentara suprimi-la dos então poucos dons culturais do burgo portuense. Conta-o excelen-

(1) Alfred Haddon. *History of Anthropology*. Londres, 1949.



PROF. DR. LUÍS VIEGAS

temente Magalhães Basto ⁽²⁾, na crónica desta casa em que estamos, anos de vida dura, sobressaltada, mas impertérrita, indomável, tanto que sobreviveu a variados ataques demolidores. Vida heróica, em que, de 1762 a 1911 da primitiva Escola Náutica à Universidade — toda uma vida de sacrifício e de labor honroso — foi de tempos a tempos, enevoada por tudo aquilo que seria longo contar, mas que o sempre lembrado cronista portuense acentua no Cap. xv da sua obra, que intitulou «*Extinga-se a Academia Politécnica*», antecessora, como se disse, desta Universidade. Assim se pretendia, em celebrado e fúnebre *Projecto de Lei* de 3 de Fevereiro de 1854 do visconde de Vila Maior. *Nada menos do que se eliminar esta Escola Politécnica, a nossa Escola Médico-Cirúrgica (hoje Faculdade de Medicina) e a nossa Escola de Belas-Artes!*

Gritara logo bem alto contra esta hecatombe a Academia portuense como o provou a sua *Memória* concludentíssima de 1 de Maio desse ano. A vaga sufocante enrodilhou-se, esmoreceu na apreciada praia do bom senso. O nome de Parada Leitão, defensor proficientíssimo desta Academia estava entre os responsáveis do protesto justíssimo, deles o primeiro que o subscreveu e em boa parte o elaborara. É este, sem dúvida, um nome sobredoirado do tempo da legítima defesa de tão invicto templo de estudo. E quantos outros, de Venceslau de Lima, Azevedo Albuquerque, Bento Carqueja, Elvino de Brito e mais, nomeados pelas forças vivas da cidade, e, desta liça, cujos nomes não devem deixar de escrever-se a letras doiradas na História desta Casa onde, não muitos anos dobados, haveria de surgir, como se disse, a *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, que neste em que vivemos perfaz meio centénio de vida.

*

E passemos, já, a meritório lanço da vida de Luís Viegas, como insigne dermatologista e sifilígrafo. Sabe-se que alguns dos lusos médicos antigos roçavam o seu saber e a sua curiosidade nos arcanos, então obscuríssimos, das doenças de pele, tais um

⁽²⁾ A. de Magalhães Basto. *Memória histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto, 1937.

Valesco, o próprio Pedro Hispano ou Pedro Julião (Papa João XXI), o Amato, o outro hebreu Zacuto, o grande Ribeiro Sanches, que tanto pugnou por uma Universidade verdadeiramente nova e nacional, um Brás Luís, o Castro Sarmiento e outros; se, até ao século XVIII, foi Bernardino Gomes, lisbonense, criador da especialidade (que ao tempo se não designava assim), já no centénio imediato, era campo estreito a que outros logo acorreram, como Caitano Beirão, a carrear ensinamentos de um Betman ou de um Willan, abrindo-se no Hospital de S. José, de Lisboa, uma clínica dermatológica.

Foi então que Luís Viegas, já no cabo do século XIX, especializado em Paris, nessa medicina espectacular e difícil, viria, em 30 de Julho de 1918, reger na Faculdade a clínica de *Dermatologia e Sifilografia*, o que aliás, fazia *gratuitamente* desde há 16 anos. Oficialmente, este foi o geradoiro, no Porto e dentro dos muros do Hospital de Santo António, desta importante especialidade médica.

Foi ali, nesse confinado laboratório e em acanhada clínica que eu e tantos outros médicos aprendemos com Luís Viegas as bases daquele saber. E já bem doente o ouvimos nós, a pouco tempo de a Morte o arrancar da vida, às 10 horas da manhã do dia 29 de Fevereiro de 1928.

Saber bem praticado, lisura de convívio, olímpica autoridade pedagógica, distinção de modos, larga clínica social, de par com fomentador e estimulador da vida católica. Estas as marcas salientes da sua delicada personalidade, que todos admiravam e respeitavam.

*

Parece que estamos a fazer uma biografia do distintíssimo primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, ao tempo professor de Anatomia na nossa Faculdade.

Mas é uma espécie literária esta tão difícil, ponderosa e grave, essa delicadíssima arte da Biografia com história estiradíssima, de Xenofonte, Timeu, Laércio ou Plutarco, entre os helenos, aos latinos, Tácito, Cornélio, Suetónio ou Júlio Capitolino, passando por tantos compendiosos enfeixamentos de Bibliotecas, Dicionários, Histórias ou Enciclopédias, lembrando os *Vitae et resgestae*

pontificium romanorum, de Ciaconius ou a *Histoire des membres de l'Academie française*, de d'Alembert, correndo centos de obras similares de todo o Mundo, sem esquecer, entre nós e entre tantos, os biógrafos quinhentistas e seiscentistas de quilate invulgaríssimo, possivelmente Fernão Lopes e a sua *Crónica do Condestável*, a celeberrima *Vida de D. João de Castro*, por Jacinto de Andrade ou, ainda, João de Barros e Frei Luís de Sousa, aos hodiernos Oliveira Martins, Lúcio de Azevedo ou conde de Ficalho, e mais do nosso tempo, do lado de lá das fronteiras, um Rolland, um Zweig, um Ludwig e tantos outros.

Sem esquecer que Sainte-Beuve dissera que «as mulheres nunca deveriam ter biografia, vil palavra para uso dos homens», embora hoje as tenhamos de relevante quilate, desde a escrita sobre Maria Curie por sua ilustre filha Eva, a de Luísa Santullano sobre Santa Teresa d'Ávila ou de Garcia Marti sobre Rosalia.

No vastíssimo rol das biografias de homens das Ciências, até onde iríamos nós: sobre Cláudio Bernard, de Foster; sobre Brown, de Gosse; sobre Cullien de Harvey, por Garcy Power; de Jenner, por Baron; de Pasteur, por Bally-Radot; e outras muitas!

Se, como disse Gonçalves Viana ⁽³⁾, em edição lusa dos *Varões ilustres*, de Plutarco, que para isto relemos, *não é possível haver História sem biografia*, também é bem certo que não pode haver biografias sem História. Sabêmo-lo há muito e estamos a senti-lo e a vivê-lo em nossos dias, contemplando tantos grandes homens e mulheres que se salientam desta massa vasta e facetada plurimultidão que é a Humanidade.

Os momentos que aqui agora se vivem a relembrarmos vida e obra daqueles que fundaram e mantiveram a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, desde o seu começo em 1918, exigiam esta fugacíssima invocação histórica da Biografia, já que de biografia temos a missão de tratar, fundamentalmente, este que é o ramo mais delicado e decisivo de toda a História. Isto aí fica para me perdoardes a pretensão de bosquejar, apenas bosquejar, a de uma das mais eminentes figuras de portuenses.

(3) In Plutarco. *Varões ilustres*. (Demóstenes e Cícero). Porto, 1944.

*

Quando se rematava a revisão da página quadragésima terceira do *Anuário* da Faculdade de Medicina do Porto, impressa em 1928, morria Luís de Freitas Viegas. Assim o informa no seu rodapé o compilador do volume. E é nesse livro que pode ler-se a biografia académica e social do meu relembrado mestre de Dermatologia.

A notícia devida, «condigna à memória», como ali se diz, do ilustre mestre, sairia num dos «próximos anuários daquela Escola». Aquele, porém, foi o derradeiro que ela publicou. E jamais vimos a anunciada necrologia em tradicionais *Anuários*, mas sim em outro lugar de revista portuense.

É no entanto, naquele volume de 1928, que se imprime ou reimprime uma biografia do ilustre mestre, por onde se pode saber que nascera no Porto em 14 de Julho de 1869 (faz dentro de meses cem anos esta data) e se formara na Escola Médico-Cirúrgica em 26 de Julho de 1893. Seis anos depois, em 23 de Março do último ano do século XIX, era nomeado lente demonstrador, lugar de que tomou posse em 11 de Abril seguinte, passando a lente substituto em 11 de Agosto de 1900. Três anos corridos era lente proprietário da 1.^a Cadeira da Escola, a tenebrosa *Anatomia Descritiva*. Um ano transposto seria confirmado por nova disposição legal e geral este cargo. E foi em 1918 que o Conselho Escolar de 30 de Julho lhe entregou o cargo de regentar aquela Cadeira.

A sua carreira pedagógica e científica está ali bem definida, em poucas palavras, as que sobejam para o apresentar como esse de quem os Profs. Alfredo de Magalhães e Alberto de Aguiar disseram ser «professor ilustre, clínico de renome, chefe de família exemplar, figura eminente e de relevo no nosso meio» (4). Essas palavras são as que passo a repetir, não só para lembrá-las, mas para ser curto no discurso:

«Antigo médico-antropologista criminal da 2.^a circunscrição médico-legal; director da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia experimental e Identificação Civil; membro do Conselho

(4) Vide Hernâni Monteiro. Biografia de Luís Viegas. «Ilustração moderna». Porto, 1928.

médico-legal; professor de Antropologia Criminal e Psicologia judiciária do Curso Superior de Medicina Legal; Director de Enfermaria no Hospital Geral de Santo António e dos Serviços externos de Dermatologia e Sifiligrafia do mesmo Hospital; presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; ex-Presidente da Associação Médica Lusitana. Afora isto, presidiu à Secção de Dermatologia e Sifiligrafia do XV Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa em 1906. Sócio correspondente do Instituto de Coimbra, da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Francesa de Dermatologia e Sifiligrafia. Foi Governador do Distrito de Vila Real, ao tempo de João Franco e comendador da Ordem de Santiago do Mérito Científico, Literário e Artístico. Foi o representante de Portugal no Congresso Internacional de Medicina reunido em Londres em 1913. Não esqueçamos que regeu Física no Instituto Industrial e Comercial.»

Depois, o mesmo livro regista os seus principais estudos de 1897-1898 a 1925, a que juntaremos o que vai em primeiro lugar:

Dicionário de abreviaturas e classificações cromáticas e descritivas adoptadas no Posto Antropométrico (Cadeia Civil), Porto, 1953.

Oração de Sapiência (Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 1907-1908).

Moluscum fibrosum desenvolvido sob um extenso naevus pigmentar (Gazeta Médica do Porto, 1897-1898).

Dermatite de origem brômica (Idem, 1898-1899).

Erupções devidas à acção local do salol (Idem, 1898-1899).

A Zona (A Medicina Moderna, 1912).

O Impetigo (Jornal dos Médicos e Farmacêuticos, 1912).

Favus (Gazeta dos Hospitais do Porto, 1912).

Contribuição ao estudo da Doença de Recklinghausen (Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto, 1914-1915).

Pitíriase versicolor (Idem, 1914-1915).

A medicação do prurido (Jornal dos Médicos e Farmacêuticos, 1916).

Guia de Terapêutica das Doenças da Pele. Porto, Imprensa Nacional, 1916.

Medicações dermatológicas. Porto, Editores Lopes & C.^a, Sucessores, 1920.

Panegírico de Aarão de Lacerda, na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

A Sífilis — Suas manifestações tegumentares. Porto, 1925, 1 vol. de 330 págs. + 10 inumeradas, ilustrado com 103 figuras.

E tantos mais, de diversa feição, dispersos por lugares vários e alguns não publicados.

Ao ilustre anatómico e meu mestre Prof. Hernâni Monteiro, que nos deixou um brevíssimo necrológico do ilustre mestre, devemos esta lembrança:

«Os últimos dias de Luís Viegas foram de crudelíssima tortura: no sábado anterior recebia a inesperada notícia de que o seu Jorge quase súbitamente falecera, em Viseu, e o próprio Pai, preso no leito com uma crise cardíaca, nem pode sequer despedir-se do filho que estremecia, dizer-lhe adeus, dar-lhe o derradeiro beijo. A morte de Luís Viegas revestiu-se, pois, de um aspecto profundamente dramático e a cidade do Porto vibrou perante a Dor atroz a que não pôde resistir o coração daquele Pai. Como não?

Em tudo quanto existe o Sofrimento imprime uma augusta expressão...»,

evocava o também chorado mestre de Anatomia (há tão poucos anos levado para Deus) o mavioso poeta que foi António Feijó» ⁽⁵⁾.

A saudosíssima caneta do meu muito insigne e sempre presente Prof. Joaquim Pires de Lima, em notícia lida na prometida sessão em honra de Luís Viegas, cujo retrato a óleo então se inaugurou, pintado por Joaquim Lopes, escrevia que o distintíssimo dermatólogo lhe confessara após certa crise do mal que sofria: *antes quero morrer abafado do que perder a lucidez do meu espírito. E morreu abafado, poucos dias depois.*

Pires de Lima, que bem o conheceu e não era pródigo em panegíricos, chamou-lhe prelector de raro mérito, elegantíssimo, de linguagem clara e singela, espírito clínico sagaz, de «memória

(5) Id. Id.

privilegiada e inflexível austeridade no julgamento dos alunos», sobrepondo a conveniências e amizade os deveres da justiça. Considerava-o orador de raça e similar no talento e aptidões ao grande clínico que foi Roberto Frias.

«Sempre o mesmo através da sua vida», indiferente a críticas (6).

Um seu dilecto Assistente, Vilas Boas Neto, que falou na mesma sessão, depois de aludir ao estoicismo de Viegas ante o sofrimento físico revelava:

«Junto da dor e da miséria, sabia acudir às feridas alheias, encobrendo tantas vezes, com o bálsamo das suas palavras o movimento da mão que dava a esmola; e, na ofensa recebida, para ele, era mais nobre o esquecimento que o perdão» (7).

Não podemos relatar, no pouco tempo que nos dispensaram, tudo o que teríamos a dizer sobre Luís Viegas escritor. Se uma biografia tendenciosa é censurável e uma biografia errada é digna de condenação, uma biografia incompleta é intolerável. A que estamos a expor-vos é desta última categoria, para o que sòmente os exíguos minutos que nos concederam para a dizer podem perdoar nossa falta.

Todavia, como desculpar-nos se não vos apresentasse, ao menos, um passo de discurso seu de 1907, com que começava a «Oração inaugural» da Escola Médica do Porto, para dar ligeiríssima nota do quilate da sua prosa, ao abrir do referido discurso:

«Derrama a eterna ampulheta do tempo a areia dos annos e a cada grão que cáe o mundo toma um novo aspecto. O tempo que é, como disse Le Bon, o unico creador e o unico destruidor, que fez as montanhas com grãos de areia e elevou até à dignidade humana a obscura cellula dos tempos geológicos, o tempo, que tem poder modificador sobre tudo o que existe, não o teve sobre o coração do homem, que ficou o mesmo através das éras.

Sucederam-se as gerações e com ellas os systemas philosophicos, as instituições e as ideias. Tudo evolucionou, a ponto de hoje se não

(6) J. Pires de Lima, Biografia de Luís Viegas. «Ilustração moderna». Porto, 1928.

(7) Vilas-Boas Neto. Apenso ao artigo anterior.

poder bem comprehender o que ellas foram, porque carecíamos de estar nas mesmas condições mesológicas, origem dos successos que a história aponta e que a nossa crítica mal alcança, pois de erros pôde vir pejada, porquanto divisamos os factos a uma luz differente da que os alumiou. Ora se os grandes successos históricos não os sentimos bem, pela grande distância que nos separa, se não sentimos a indignação do povo romano ao vêr a capital do mundo preza das chammas que a mão de Nero ateiou, nem ululamos de rancor com a turba que se dirigia à Bastilha, comprehendemos bem o grito da mãe que a sentença de SALOMÃO ia ferir e o despenhar da poetisa de Lesbos, dos rochedos de Leucáde nas ondas do Mediterrâneo.»

*

E anotemos, agora, outra das mais precoces actividades do sábio mestre.

Antecederam a doutrina da Antropologia Criminal de César Lombroso (1875) certas previsões de autores notórios e arcaicos, de um S. Boaventura ou Francisco Ximenes a Porta, a Lavater e a Gall, dos mais modernos; este muito recentemente alçado a precursor do mesmo Lombroso e de excelente mérito, pela pena sábia e tão estimada de Henri Vallois, de quem tive a honra de ser discípulo em Tolouse e que foi Director do *Museu do Homem*, de Paris.

Outros vieram após Lombroso, de Garófalo a Ferri, a estimularem a génese da escola positiva penal, que tantos milhares de páginas compeliu a dar a lume em todo o mundo culto, e que haveria de em Portugal culminar com remodeladoras concepções a que o nosso Mendes Correia chamou *Nova Antropologia criminal*. E porque continuava a não se encontrar uma ou algumas das motivações criminaes a que se devesse, sem hesitação, attribuir-se as explosões criminaes de todos os dias, surge, agora, a doutrina genética do cromossomo *XYX* a pretender explicar o triste fenómeno de aggressividade delitual. Aguardam-se confirmações da teoria annunciada pelos microbiologistas e tendentes, em grande parte, a dar razão a Lombroso.

Mas, voltemos à Antropologia Criminal no nosso país, em que Ferraz de Macedo e Fonseca Cardoso, este portuense, foram

bandeirantes entusiásticos, e que Mendes Correia viria a cultivar e animar de modo singular na Sociedade de Antropologia e Etnologia, que surgira e se fundara em 26 de Dezembro de 1918, para em breve deitar ao prelo a sua revista própria, bem conhecida. Logo encontrou nos Profs. Luís Viegas e Aarão de Lacerda, como no Engenheiro Rocha Ferreira, bons e activos cirreus. De todos se destaca Viegas a presidir à nova Sociedade durante quase 10 anos, cargo que, se o não esmaltou com muitos estudos próprios, sempre a sua figura e o seu espírito a alentaram e honraram de modo inesquecível. Lembremos, de passagem o seu apreciado discurso sobre o Prof. Aarão de Lacerda.

É neste cargo que Luís Viegas compartilha esforços com a sua *Repartição de Antropologia Criminal e Psicologia Experimental*, lugar que dirigiu até 1928 e que também nascera naquele mesmo ano de 1918, três meses antes da Sociedade que ora aqui festejamos, embora enxertada no velho Posto Antropométrico de 1899.

Dos primeiros ensaios antropológicos no Porto podem apontar-se os desse Posto Antropométrico que, assim, é pioneiro dos respectivos estudos nesta cidade. Dos seus cultores, relativamente à sua aplicação à Antropologia criminal, têm de ser recordados dois nomes: o do Dr. António Ferreira Augusto, magistrado no Porto, entusiasta pioneiro por tais especulações, de que nos deixou vários estudos, e o do Prof. Luís Viegas, em breve tempo a ele associado, para que o primitivo Posto Antropométrico da Cadeia, para serviço dos Tribunais, se erguesse aos visos que teria de ocupar e hoje existe sob o nome de *Instituto de Criminologia*, que tenho a honra de dirigir.

Parece ser tempo de dizer que à Escola Médica e sua sucessora Faculdade portuense, pertenceu sempre a Direcção de tais serviços, à falta de uma Faculdade de Direito. A Luís Viegas sucedeu, em 1928, o Prof. Joaquim Pires de Lima e em 1936 este obscuríssimo orador que estais a ouvir e que ali trabalhou como Chefe de Serviço desde 1929. Ao fim de 39 anos que levo nesta repartição médico-judicial, onde comecei por aquele cargo, honro-me sobremaneira ao evocar estes meus ilustres Mestres e antecessores no cargo da sua direcção.

Mas, abreviemos, para vincar tal passo de vida de Luís Viegas, sumamente ignorado, recordando o que há cerca de 9 anos escrevemos em também breve trabalho:

«A Carta de Lei de 17 de Agosto de 1899 criou, no nosso país, 3 Circunscrições Médico-Legais: da Faculdade de Medicina de Coimbra e das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto (com seus Conselhos Médico-Legais), e, também, os lugares de Médicos Antropologistas Criminais, junto das Cadeias Civis de Lisboa e Porto (2 e 1, respectivamente).

Esta iniciativa foi o primeiro ensaio da aplicação da Antropologia Criminal em Portugal.

Os referidos médicos deviam proceder ao estudo antropométrico, biológico e social dos criminosos; proceder à organização da estatística criminal, e apresentar à Direcção Geral, de Lisboa, um relatório anual contendo todas as medidas que a prática dos Serviços e o progresso da Ciência antropológica aconselhassem para ser aplicada entre nós. Deviam também prestar aos tribunais e Conselhos Médico-Legais a sua colaboração especial.

Esta lei foi assinada pelo Rei D. Carlos I e pelos ministros José Luciano de Castro e José Maria Alpoim.

No mesmo ano de 1899 (16 de Novembro) foi publicado outro Decreto, que continha o Regulamento dos Serviços Médico-Legais, criados pela anterior Carta de Lei. Nos seus artigos 91.º, 92.º, 93.º, 94.º, 96.º, 97.º e 99.º se determinam as providências necessárias sobre a instalação dos Serviços de Antropologia Criminal (Postos Antropométricos), deveres dos Médicos antropologistas, suas relações com as Morgues (Serviços de Identificação), exame obrigatório dos delinquentes, compra dos livros, instrumentos, etc.

Este Decreto foi assinado pelo Rei e pelo Ministro Campos Henriques.»

Em 1901, o Decreto de 21 de Setembro publica o verdadeiro regulamento dos Postos Antropométricos, criados, como se disse, em 1899, que dá a estes organismos uma utilização eficiente.

O exame dos delinquentes, resumia-se, então à identificação antropométrica; não se utilizava o verdadeiro estudo da Antropologia Criminal, iniciada em Itália por César Lombroso.

Afirmávamos nós, então, referindo-nos a este inovador:

«Quer isto dizer que as suas ideias não chegaram com grande atraso a Portugal. Vê-se que, no Porto, foram adoptadas apaixonadamente por um aluno da Escola Médico-Cirúrgica, 5 anos depois do aparecimento do *Uomo Delinquente*, Roberto Frias, que seria, mais tarde, um dos mais sábios professores dessa Escola portuense (faleceu em 1918, ano da fundação da Sociedade de Antropologia).

Em 1900, o citado Dr. Ferreira Augusto, ilustre Procurador Régio junto da Relação do Porto, publicava um livro onde indicou a existência de rudimentares serviços de Antropometria judiciária em Lisboa (em duas das suas cadeias). Em 1895, porém, havia já preconizado o mesmo Dr. Ferreira Augusto a criação oficial dos Postos Antropométricos.»

Em Julho do referido ano de 1902 publicavam estes dois criminólogos o primeiro número de uma revista — *Revista de Antropologia Criminal*, cuja redacção era no Posto Antropométrico. Esta revista, a primeira que existiu em Portugal sobre o assunto, desapareceu depressa; publicaram-se, apenas, dois fascículos.

O seu Director, depois de 1902, Luís Viegas, dedicou-se a estudos sobre delinquentes e à Dactiloscopia judicial, que não se publicaram. Este último e novo método foi ali, desde logo, por si experimentado e utilizado.

Recorde-se que o Dr. Ferreira Augusto, baseando-se na observação de alguns criminosos, afirmava, em 1900 (*op. cit.*), que a doutrina de Lombroso não era segura, nem absoluta.

O Prof. Viegas pensou na utilidade de executar, juntamente, o exame antropológico e psicológico dos delinquentes. Ele foi o inspirador do Ministro da Justiça, em 1918, concernentemente à reforma do Posto Antropométrico do Porto, que passou a ser *Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*.

É curioso notar que, num dos livros de serviço respeitante àquele Posto, datado dos primeiros anos do século, já se designa como *Repartição de Antropologia Criminal*, embora o título não estivesse oficialmente autorizado. O Decreto de 20 de Setembro

de 1918 ampliou, desta maneira, os Serviços do velho Posto Antropométrico, cujo regulamento é datado de 10 de Setembro do mesmo ano.

*

Eis, em curtíssimo conto, o que teríamos de relembrar na vida do distintíssimo mestre que foi o portuense Dr. Luís Viegas.

Ao cabo deste pobre discurso poderia eu aqui repetir as palavras do colono romano em África, Lúcio Apuleio, ao clamar que se devem evitar estes dois defeitos: — *não nos demorarmos, sendo chamados; e não nos apressarmos, sem sermos mandados* ⁽⁸⁾.

De mim, não me demorei, quando chamado; e se não esperava a honra de ser mandado para esta tarefa, também me não apressei para cumpri-la.

Mas umas outras derradeiras palavras haverão de rematar esta insípida oração, não palavras minhas, mas de D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, ao Beatíssimo Padre Inocêncio 8.º, palavras que hoje aqui poderia proferir o Prof. Luís Viegas, e ao que eu me atrevo, dizendo-as em sua vez:

«A nenhum homem é lícito tratar de seus louvores e quanto um é mais ilustre e valoroso, tanto deve ser mais modesto e comedido na lembrança de seus feitos e é bem que antes as obras fiquem desconhecidas que de seu próprio autor serem louvadas;

contudo mais me parece que se deve agradecer que culpar a aquele que, ofendido e injuriado, contar, em defesa de sua causa, alguma coisa de valor que tenha feito.»

Disse.

Prof. Doutor LUÍS DE PINA
Catedrático da Fac. de Medicina
da Univ. do Porto

(8) Lúcio Apulcio. *O asno de ouro*. S. Paulo, 1936.